

> De corpo presente (De uma Belém a outra)

> Body present (From one Belém to another)

por Mauricio Igor Almeida

Mestrando em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV UDESC), mauricioigor.almeida@gmail.com, ORCID: 0000-0002-1473-0501

por Laura Benevides

Mestranda em Historia del Arte Argentino y Latinoamericano (IDAES/UNSAM), laurabenevidescarneiro@gmail.com, ORCID: 0000-0002-7210-5907.

> Ensaio visual recebido em 27.07.2021 e aceito em 22.11.2021.

Sobre o ensaio visual

*De uma Belém a outra*¹ é uma vídeoperformance criada a partir de minha experiência de quando saí de minha cidade, Belém do Pará, no Brasil, para ir à Belém de Lisboa, em Portugal. Este processo foi marcado pelos atravessamentos que meu corpo sentiu e ouviu. Desse modo, aborda aspectos da relação histórica e desdobramentos atuais entre os dois países, assim como reflexões sobre monumentos públicos que homenageiam figuras colonialistas. Neste ensaio visual, são apresentados *frames* desta produção, a qual foi contemplada pelo Prêmio Rede Virtual de Arte e Cultura, da Fundação Cultural do Pará, em 2020.

De corpo presente

Corpo é memória. É a primeira coisa que penso quando assisto *De uma Belém a outra*. Na verdade, não é apenas memória, mas faz memória porque quando este corpo, filho de uma nação que foi construída sob o holocausto ameríndio vai ao encontro do invasor, ou melhor, ao encontro do símbolo que glorifica essa invasão, este corpo carrega consigo a história de outros corpos, e a sua presença naquele território tensiona a farsa do “descobrimento” que atravessa e une a história destes países, assim como evidencia em um só tempo a condição idolátrica e de ruína daquele monumento.

Nesta vídeoperformance, Mauricio sobre põe imagens, discursos, camadas. Seu corpo amazônico, deslocado da centralidade político-econômica do seu país, atravessa o Atlântico - esse corpo-território que além de uma massa d'água foi marcado pela travessia compulsória que Paul Gilroy evoca como constitutiva na formação da modernidade ocidental. Em março de 2021, quando me encontrei com essa experiência-travessia, recém completávamos 1 ano de pandemia. 4 meses depois ainda é inevitável pensar no deslocamento e na migração como um fator fundamental na discussão contemporânea sobre a nação. O gesto de atravessar fronteiras desestabiliza os fundamentos do Estado-nação, a definição de nação e a invenção dos seus limites. Quando o artista se

¹ A vídeoperformance pode ser vista em: <https://youtu.be/1pbLfWSj2ko> .

desloca de Belém do Pará à Belém de Lisboa, emergem desta movência questões urgentes que evidenciam um território esgotado em seus modelos.

A imagem do encontro destes corpos em escalas tão distintas me faz ainda pensar nos "cobrimentos" e "encombrimentos", nos espaços de luta e dor esquecidos, cobertos por outras camadas de significado. Esse encontro também contrapõe a verticalidade e violência estrutural, heteronormativa, racista e segregadora implícita no espaço público. Tradicionalmente, instalar um monumento é uma ação de assentamento público de uma (suposta) verdade, de um (suposto) feito glorioso. O irônico é que estes símbolos, que seriam terrenos de pertencimento compartilhados, carregam ao mesmo tempo um peso simbólico e material que afirma (ou ameaça?) o poder que os mantém lá e também define quais os limites das nossas paisagens sociais. Porque o espaço é também fôrma para os nossos corpos. Porque esta fôrma não é neutra e livre. Estes corpos monumentais cartografiam uma experiência urbana que reproduz física, social e subjetivamente as estruturas de poder. Então quais corporalidades se (re)produzem?

Enquanto assistia à videoperformance fiquei lembrando também de quando a bell hooks² explica que a própria contação de história constitui o nosso eu em um eu como eu me vejo enquanto narro. Então como eu me vejo enquanto escuto o outro? A escolha de compartilhar a sua experiência em terra lusitana através da oralidade confere uma intimidade quase ausente nessa esfera do espaço público o que me parece também um ritual de cura de um trauma coletivo a partir da exposição dessa história individual de um (re)encontro com os estereótipos, as dificuldades em adequar-se, a curiosidade insistente pelo Outro. Além disso, a escolha pela transmissão oral me parece também confrontar em mais uma camada as narrativas oficiais/acadêmicas/escritas de uma ciência dura e inorgânica, da história oficial.

² bell hooks, *Ensinando pensamento crítico*, 2020.

As histórias, como também nos ensinou bell hooks³, contém o poder e a arte da possibilidade. Aqui, Mauricio me parece mobilizar o desejo (no sentido de uma força de construção) de que rememorar estes encontros - com a invenção de um Brasil e com Portugal, seus símbolos e seu povo - também sirvam à construção de um caminho para elaborarmos outros horizontes onde não mais se esqueça ou negue os traumas que também constituem estas corporações.

³ bell hooks, *Ensinando pensamento crítico*, 2020.















Referências

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020, 288p.

Referência para citação deste ensaio visual

ALMEIDA, Mauricio Igor; BENEVIDES, Laura. De Corpo Presente (De uma Belém a Outra). **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 418–428, dezembro de 2021.